

Isabel Lousada
Maria João da Rocha Afonso
Universidade Nova de Lisboa

Shakespeare no circuito de uma epístola entre Londres e Lisboa

No decurso de um processo de investigação, deparamo-nos por vezes com algumas surpresas que, em alguns casos, vêm alterar de forma decisiva conhecimentos que tínhamos por certos.

Era até há pouco tempo um facto consensualmente aceite que as primeiras referências a Shakespeare na cultura portuguesa – excepção honrosa feita ao Padre Bernardo de Lima (1762) – datavam do século XIX. Apesar da apresentação da ópera de Zingarelli em S. Carlos em 1798 (cf. Benevides, 1883 e Carvalho, 1993), Shakespeare não despertou grande interesse nos autores e tradutores portugueses antes da segunda década de oitocentos. Estudos de, entre outros, Carlos Estorninho (1964), Maria do Céu Saraiva Jorge (1951) e Jorge Bastos da Silva (2000 e 2005) repetem-no.¹ No entanto, há cerca de três anos, num período de trabalho no Centro de Estudos Anglo-Portugueses, a Doutora Isabel Lousada identificou uma carta do poeta Edward Young, incluída no volume que inclui as traduções de duas peças deste autor, onde, de acordo com o cabeçalho, existe “HUM DISCURSO DO AUTHOR Sobre o Theatro Inglez, comparado com o Theatro Francez”, em que se verifica uma referência a Shakespeare. Amavelmente, e sabendo do meu interesse pela recepção da obra deste autor em Portugal, a Doutora Isabel Lousada fez-me chegar o texto às mãos. Por coincidência, no dia em que tal aconteceu, estive no CEAP [Centro de Estudos Anglo-Portugueses]² a Professora Maria Manuela Delille que, posta ao corrente do título da *Epístula*, achou de interesse que o texto fosse estudado. É por isso que julgamos pertinente, agora que se pretende um volume de homenagem à Professora, apresentar em co-autoria uma primeira abordagem ao trabalho que então discutimos.

O texto português da epístola permaneceu quase três séculos por analisar, continuando a ser desconhecido da maioria dos estudiosos, investigadores e especialistas em Estudos de Teatro. Saber da sua publicação em Portugal, em pleno século XVIII,

¹ Ao longo do seu trabalho, Maria João da Rocha Afonso também fez o levantamento das referências a Shakespeare em textos portugueses, assim como uma tentativa de estabelecer o *corpus* Shakespeareano disponível em Portugal durante a segunda metade do século XVIII (cf. Afonso, 1993 e 1996).

² Hoje CETAPS [Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies].

poderá conferir a Edward Young um papel mais importante em estudos de recepção centrados no teatro inglês, já que a si ficará certamente ligada uma das primeiras menções a Shakespeare no nosso país.

As razões de tal desconhecimento são várias, sendo talvez a mais determinante, e dada a organização do volume em que o texto foi impresso, alguma falta de rigor no tocante ao manuseamento e à descrição da obra, mal de que este título não foi o único a sofrer.³ Assim, até hoje a *Epístula* de Young esteve praticamente inacessível, apesar de existir pelo menos um exemplar na Biblioteca Nacional, para além do que se encontra no CEAP, tendo sido a obra em que foi compilada descrita deste modo, generalista e necessariamente omissa:

A VINGANÇA. Do Doutor Young. [Nova Tragedia intitulada...] Representada no Theatro Real de Drurilane, pelos Comicos Del-Rei. Trad. em verso por Vicente Carlos de Oliveira. Lisboa, Off. Francisco Borges de Sousa, 1786, 8º, p.1-136. (*TP*, I, 1599), p. 188). (*TP*, I, 1710), p. 197.) e (*DBP*, VII, 69), p. 422.) Outra ed.: Lisboa, Off. de Francisco Borges de Sousa, 1788, p. 1-136. [UNL-CEC - B.19] e L. 63038 P.

Muito embora Inocêncio Francisco da Silva tivesse referido no *Dicionário*: “N’este volume, sob uma só numeração de paginas, se inclui outra tragedia *Busiris*, do mesmo auctor, e vertida pelo mesmo traductor” (*DBP*, VII, 69: 422), não foi contudo mais além. Esta informação haveria, aliás, de ser repetida por articulistas a propósito da obra atribuída a Vicente Carlos de Oliveira, reiterando a omissão da existência do texto de que nos ocupamos:

EPISTULA de Young ao Lord Landsdowne [George Granville/Grenville, 1º Barão de Landsdowne (1667-1735)] sobre a paz de 1712. [Trad. Por Vicente Carlos de Oliveira] Com hum discurso do author sobre o Theatro inglez, comparado com o Theatro francez. Lisboa, Off. Francisco Borges de Sousa, 1788, 8º, p. 285-307.

Por ter sido publicada conjuntamente com *A VINGANÇA. Do Doutor Young*, terá sido remetida para segundo plano, sem se ter destacado ou sequer individualizado.

Cumprasse assinalar que, embora de acesso reservado, existem na Biblioteca Nacional, em versão manuscrita, as tragédias intituladas, *A Vingança* e *Buziris*, datadas respectivamente de 20 de Março de 1784 e 8 de Maio de 17- . Qualquer dos exemplares vai assinado, no final de cada peça, por António José de Oliveira, empresário teatral, dono dos exemplares e que possivelmente terá encomendado a sua tradução.⁴ Também nesse caso os textos permaneceram juntos na miscelânea consultada, não tendo sido encontrado sequer rasto para a versão manuscrita da *Epístula*.⁵ Tal facto faz supor que o eminente interesse na tradução das tragédias de Young terá sido a sua futura passagem

³ A este propósito veja-se Lousada, 1998: 623, 635s.

⁴ Desde que este trabalho foi elaborado a ficha da Porbase foi refeita, passando a incluir a seguinte informação, que não podemos confirmar: Oliveira, António José de, fl. 178-179 – , escriba.

⁵ Nem no índice final nem percorrendo folha a folha o códice 139 ½ da B.N. se dá conta da carta.

à cena, o que não aconteceria com o texto de que nos ocupamos, já que a carta a *Lord Landsdowne* não se prestaria do mesmo modo ao teatro. Adida que é a versão portuguesa da epístola, cuja primeira referência em livro data de 1786, esta segue de perto o modelo já previamente assumido pela publicação francesa em 1771, vertida por Le Tourneur, tradutor também das tragédias *Vingança*, e *Buziris*, editadas por E. van Harrevelt em Amesterdão. Suposta que era, desde logo, a mediação francesa, esta veio a ser confirmada. Cumprindo escrupulosamente a fidelidade, ou melhor, a colagem ao texto francês, e mais, à edição francesa, denuncia em simultâneo a recusa, que não desconhecimento, da versão inglesa por parte de Vicente Carlos de Oliveira.

Os exemplares da Biblioteca Nacional apresentando Edward Young em língua inglesa⁶ pertenceram a Cipriano Ribeiro Freire (1749-1825)⁷ e foram indevidamente encadernados, trocando-se os terceiro e quarto volumes.⁸ Queremos com isso dizer que a lombada correspondente ao volume III foi apensa ao volume IV – associada portanto, a um miolo que não corresponde ao grupo de textos apresentado em sumário e que suporíamos poder encontrar. Foi possível, uma vez ultrapassada a perplexidade inicial, localizar, por fim, a *Epístula de Young a Lord Landsdowne*.⁹

Foi nosso objectivo, a par do manifesto interesse em reeditar o texto, traçar possibilidades para identificar o modo como esse documento escrito terá chegado ao conhecimento de Vicente Carlos de Oliveira, responsável pela versão transcrita e ora divulgada. Para tal, e reconhecendo desde logo a escassez de obras especializadas versando sobre tradutores portugueses,¹⁰ lembrando mesmo a dificuldade acrescida em recolher dados fidedignos respeitando figuras portuguesas ligadas à actividade translatória, cumpre assinalar um ponto prévio tendente a dar a conhecer um esboço de perfil deste tradutor acerca de quem tão pouco se sabe.

⁶ Trata-se da edição de Bell, *The Works of the Author of the Night Thoughts. To which is prefixed an account of the life of the author*, 6 vol. Edinburgh, At the Apollo Press, by the Martins, 1784. Na Biblioteca Nacional existem quatro volumes com as cotas L 4592 P a L 4595 P.

⁷ Cipriano Ribeiro Freire, figura proeminente na sociedade coeva, chegou a Inspector do Real Colégio dos Nobres. Desempenhou papéis de grande relevo na esfera político-diplomática, tendo, em 1774, sido enviado pelo MNE para a legação de Londres, onde foi admitido nas mais conceituadas Sociedades e Academias Literárias e Científicas. Foi também Ministro Plenipotenciário nos EUA e em Madrid. A este propósito ver *Elogio Histórico* proferido a 15 de Maio de 1838 por Manuel José Maria da Costa e Sá, na Academia das Ciências. Este texto foi publicado pela Academia em 1842, existindo na Biblioteca Nacional de Lisboa.

⁸ A encadernação dos volumes III e IV da obra está errada. A troca diz respeito aos exemplares com a cota da BN L 4592-95 P. A imagem e a indicação do volume III foram inseridas no exemplar cuja lombada refere volume IV e o inverso acontece com o volume seguinte, alimentando alguma confusão.

⁹ Ocupa as páginas 185 a 205 da versão consultada, com o título “An Epistle to the Right Hon. George Lord Landsdowne”.

¹⁰ Foi recentemente desenhado um projecto visando envolver três Instituições com trabalho reconhecido no campo, UNL, UL e UCP, orientado científica e respectivamente por Maria Leonor Machado de Sousa (CEAP), João de Almeida Flor (CEAUL), e Teresa Seruya (CLCPB), visando colmatar a lacuna há muito sentida nesta área de trabalho.

A este propósito importa ressaltar que as informações que foi possível juntar são, na grande maioria das vezes, meras repetições dos dados incluídos na entrada do *Dicionário* feita por Inocêncio acerca de Vicente Carlos de Oliveira.¹¹

Apesar de tudo, o conhecimento em torno da sua actividade literária ultrapassou as fronteiras nacionais tendo sido notado, se bem que sumariamente, na *Enciclopédia Universal Ilustrada*.¹² Aí se pode ler que foi um escritor português do século XVIII, autor de *Lisboa Restaurada*, *Sacrifício Campestre*, *Nova Ferida* e *Adão Remido*.¹³ Em bom rigor, o facto de se lhe fazer referência enquanto autor deverá ter determinado a omissão das obras por si traduzidas mais do que o seu desconhecimento.

Não foi possível precisar a data de nascimento do tradutor de que nos ocupamos. A expressão “floresceu em Lisboa”, utilizada por Inocêncio, dá conta de actividade literária registada no último quartel de setecentos. A primeira data que encontrámos ligada a uma publicação em que constasse o seu nome era 1783. Contudo, na Biblioteca Nacional existe uma composição poética, justamente um soneto de sua autoria, manuscrito, cópia do século XVIII, com o título “Era uma vez um Rei, e era uma vez ... na inauguração da Estátua Equestre de D. José I”. De onde a data referida estabelece 1775. O célebre autor do DBP não considerou manuscritos pelo que não é de estranhar que omita esta espécie, assim como, “A Bella Peruviana. Nova Tragédia com Machina”, com data de 1790, e a ode saphica a D. Thomaz d’Almeida, à qual não foi possível atribuir data. Não foi viável adiantar significativamente quaisquer outros dados biográficos. Inocêncio refere apenas que “Em uma das suas publicações intitula-se ‘Compositor do theatro da rua dos Condes’” (DBP, VII, 546: 421).¹⁴ Pouco se sabe do que terá feito em vida para além do que deixou escrito enquanto autor ou tradutor. A maior incidência na sua produção literária confina-se, de facto, ao último quartel do século XVIII. A fazer jus à opinião de Inocêncio, a que juntamos nós uma falta de notoriedade visível, até pela dificuldade em recolher informação coetânea, não terá sido Vicente Carlos de Oliveira escritor de nomeada. Apesar de lhe atribuir erudição e saber no tocante aos estudos clássicos, não reconhece Inocêncio mérito às suas obras. Cumpre lembrar que a temática encomiástica a D. José I poderá ter acicatado a pena do crítico, que chega a comentar a propósito de *Lisboa Restaurada*: “Esta e outras obras do auctor mostram que elle era apenas um poeta d’arte, cujo estro, como o de tantos outros, mal podia transpor as raias da mediocridade.” (DBP, VII, 68: 421).

¹¹ A título de exemplo refira-se que a opção feita no *Dicionário Popular*, orientado por Manuel Pinheiro Chagas, vol. 9, p. 35, é a de apresentar uma citação directa, i.e. “Escreve Innocencio acerca d’esto escriptor ...”.

¹² A versão consultada foi a de Madrid, Espasa-Calpe, 1973, Tomo XXXIX, p. 1087.

¹³ As obras cujo título apresentamos abreviado encontram-se referidas na íntegra no Anexo 2 do presente estudo.

¹⁴ Face a esta informação tentámos acrescentar mais elementos a partir dos dados relativos ao próprio teatro. Consultada a *Carteira do Artista* de Sousa Bastos, pouco foi possível adiantar. No período que nos interessa, entre 1782 e 1792, o teatro esteve concessionado a companhias estrangeiras e de marionetas, sobre as quais não foi possível obter dados, existindo apenas uma descrição de um viajante inglês que critica fortemente o teatro e o facto de não existirem mulheres em palco.

Para além de escritor foi também poeta e nessa esfera já o autor do *Dicionário* refreia o seu azedume. Contudo, no respeitante à sua actividade translatória, Inocêncio deixa clara a receptividade de que foi alvo e a boa aceitação por parte do público, à época, vendo reimpressões sucessivas de algumas traduções que teve a seu cargo. De Vicente Carlos de Oliveira sabemos ainda que traduz, já o afirmara também e uma vez mais Inocêncio, vários opúsculos, que são editados conjuntamente com o texto da consagração do poeta britânico: *As Noites de Young*. O título do volume *A tragédia a “Vingança” do Dr. Young. Traduzida em verso, seguida por “Buziris”* camufla, vimos, a carta que se situa no âmbito deste estudo. Na certeza porém de que o texto que serviu de fundo à tradução portuguesa foi desta feita, uma vez mais, o do então célebre tradutor francês que ajudara a disseminar internacionalmente o dramaturgo Edward Young. Adiante explicitaremos as razões que atestam a mediação francesa.

Consideremos então o texto que Vicente Carlos de Oliveira ‘verteu’ para português.

Quando, em 1713, o poeta Edward Young publicou em Londres *An Epistle to the Right Honourable George, Lord Landsdown*,¹⁵ apresentou ao público inglês um texto de circunstância que combinava política e crítica dramática. Constituindo aquele que é o primeiro texto publicado do autor, veio a ser rejeitado por este quando, segundo o relato de Samuel Johnson,¹⁶ em 1739, numa carta ao editor das suas obras completas, Curl, Young considerou pouco digno de interesse: “I have not the Epistle to Lord Landsdowne. If you will take my advice I would have you omit that and the oration on Codrington. I think the collection will sell better without them”.

Aparentemente, na edição de 1741, feita pela Curl and Tonson, e seguindo o desejo de Young, a Epístola não aparece. Só mais tarde este texto foi recuperado e editado.¹⁷

Quais foram então as circunstâncias que determinaram a composição de *Epistle to Lord Landsdowne*?

No dia 1 de Janeiro de 1712, seguindo o conselho de Robert Harley, Earl of Oxford, em plena crise entre Whigs e Tories no Parlamento inglês, a rainha Ana criou doze novos Pares de Inglaterra. A medida, extremamente polémica e que levantou grandes protestos, destinava-se a reforçar o número de ‘Tories’ e assim conseguir um apoio mais numeroso para as disposições do que viria a ser o tratado de Utrecht, que poria um fim à Guerra da Sucessão de Espanha: a maioria de 300 ‘Tories’ contra 150 ‘Whigs’ alcançada nas eleições de Setembro de 1710, que forçara a demissão de Robert Walpole e a sua substituição por George Granville enquanto ‘Secretary of War’, desfizera-se em disputas e contendas e a rainha necessitava da aprovação parlamentar para as negociações que iriam ter início e cujas premissas estavam longe de ser consensuais.

¹⁵ O texto está na British Library, com a cota fol. 643.l.26 (3). Trata-se de um longo poema de 543 versos, de pentâmetro jâmbico regular, em dístico rimado. Foi posteriormente incluído nas obras completas editadas em Edimburgo por Bell.

¹⁶ “Life of Young”, <<http://www.hn.psu.edu/Faculty/KKemmerer/poets/young/she.htm>>, consultado em 4/06/2004.

¹⁷ A edição de Bell, no volume III, inclui já o texto.

George Granville,¹⁸ que entrara na política em 1702 enquanto M.P. por Fowley, Cornualha, chegava assim a um lugar cimeiro, tendo recebido o título de Lord Landsdowne, Baron of Bideford, Devon. A sua nomeação foi polémica pelas condições em que ocorreu e não por razões que se prendessem com a sua pessoa: era sobrinho e herdeiro do Earl of Bath, figura que se destacara pela sua acção junto de Carlos II. Ainda em 1712, é nomeado ‘Comptroller of the Household’ e designado membro do ‘Privy Council’. No ano seguinte seria escolhido para o cargo de ‘Treasurer of the Household’, posto que manteve até Outubro de 1714 quando, após a subida ao trono de George I, caiu em desgraça. É naquelas circunstâncias que Young empreende o que poderemos considerar como a defesa de uma personalidade no centro de uma grande polémica. Todos estes acontecimentos se encontram referidos ao longo dos quinhentos e quarenta e três versos do texto que endereçou ao político.

Quais seriam os objectivos do poeta ao tomar tal iniciativa é pergunta a que os elementos consultados não permitem dar resposta: Johnson sugere a possibilidade de um pedido de mecenato¹⁹ e o desejo de reconciliar o público com as condições da recente paz... (Johnson, 1779-81, § [18]). Já quanto à razão pela qual Young escolheu Landsdowne poderemos talvez encontrá-la no facto de o político ser ele também um poeta e autor dramático, o que criaria uma certa afinidade entre os dois. Em 1710, quando passou a dedicar-se à política, já Granville tinha escrito, para além de poesia vária, pelo menos quatro peças de teatro – *Once a Lover and always a Lover* (1696), *Heroick Love* (1698), *The Jew of Venice* (1701), esta uma adaptação da peça de Shakespeare, e *The British Enchanters* (1706) – e um *masque* “Peleus and Thetis”. Todas elas levadas à cena em Londres, se bem que com sortes diversas.

O poeta pode assim falar ‘entre pares’: começando por elogiar o político e conselheiro da rainha, continua enaltecendo a sua obra literária, assumindo-se ainda como seu discípulo. A carta de Young é extremamente circunstancial: se a percorrermos com atenção, é possível identificar pessoas, situações, factos... À partida, o interesse deste texto seria bastante reduzido fora dos limites das fronteiras de Inglaterra, apesar de, ancorando-se no estabelecimento da paz entre Inglaterra e França, no final da guerra da Sucessão Espanhola, poder assumir alguma relevância para um público francês. No entanto, a *Le Tourneur*, o tradutor do texto intermédio francês, inserido numa cultura outra, não é a política que interessa. Dedicando-se à tradução de textos da literatura inglesa desde, pelo menos, 1769, quando publicou *La Jeune fille séduite e Le Courtisan ermite* “traduits de l’anglois”, actividade que desenvolveu a partir de 1776, ano em que iniciou a publicação das traduções da obra dramática de Shakespeare, a sua atenção poderá ter-se prendido com a poesia do texto – o que acontece até certo

¹⁸ As fontes para a vida de Granville são a obra de Samuel Johnson *Lives of the English Poets* e o *Dictionary of National Biography* que, por sua vez, assenta naquela obra grande parte da informação que disponibiliza.

¹⁹ Mrs. Inchbald, em “Remarks” na edição de *The Revenge* de 1808, p. 6, refere, com fina ironia, a propósito de Edward Young: “He was fervent in public worship, both at church, and in the dedications he sent forth with his various works; wherein, he has praised man as he praised God: which gives rise to the suspicion, that he expected as valuable favours from the created, as from the Creator.”

ponto – mas penso que o seu maior interesse terá sido a parte do discurso sobre teatro, atitude que, veremos, se mantém no tradutor português.²⁰

Na sua génese, o texto de Young assenta numa relação pessoal, circunstância que se altera no momento em que é traduzido – forma e objectivo mudam de imediato – e o facto de deixar de ser um texto pessoal para passar a ser um texto trabalhado por outro interesse, que não o que o motivou, revela-se logo na primeira linha da tradução, quando Le Tourneur deixa cair o vocativo “My Lord”. De uma interpelação, o texto passa a relato. Ao mesmo tempo, o texto não se torna – o que poderia ser esperável – impessoal: Le Tourneur fez parte do grupo de pensadores franceses que, a partir do trabalho de Perrot d’Ablancourt, discutiu o conceito de tradução e qual a posição do tradutor face ao texto a traduzir (Delisle/Woodsworth, 1995: 75). Enquanto tradutor, Le Tourneur não procura a sua invisibilidade (cf. Venutti, 2002), antes interfere abertamente no texto traduzido, não se coibindo de rescrever, retocar e fazer acrescentos. Desde pormenores como a alteração das referências a Ana e Luís (reis de Inglaterra e França) para Inglaterra e França, ou a inversão da ordem por que os elementos ingleses e franceses são referidos no texto – inverte-os sempre, colocando a França à frente – à recriação das metáforas e imagens em termos bem mais emocionais do que Young o faz, Le Tourneur nunca se coibiu de modificar o original, segundo uma linha de pensamento que, mantida do início ao fim, alterou sensivelmente o tom e o conteúdo do poema inglês. Forma que, aliás, também perdeu, uma vez que o tradutor francês converteu o pentâmetro jâmbico em dístico rimado do original, em prosa. O tradutor francês fez ainda grandes cortes como, por exemplo dos versos 125 a 143, onde Young elogia Ana, colocando-a entre os grandes soberanos, Numa, Júpiter e Salomão, e elogia as suas conquistas; 360 a 389, em que se comentam as glórias de Inglaterra e, mais particularmente, o “Granville name”, e 416 a 493, em que, apoiado na mitologia clássica, inclui o nome de Granville entre o dos grandes heróis e os quatro versos finais em que Young retoma o seu ponto de partida:

The crown of Spain in doubtful balance hung,
And Anna Britain sway’d, when Granville sung;
That noted year Europa sheath’d her sword,
When this great man was first saluted Lord.

Curiosamente, há ainda um outro corte que causa alguma perplexidade: o dos versos 332 a 341, em que Young elogia Landsdowne, comparando-o a Shakespeare e depreciando-se a si próprio, criando um estranho hiato de sentido na sequência do texto.

No seu conjunto, há no original de Young uma profundidade de sentido, uma pureza de imagens cuja força advém de um certo despojamento, que não existem no texto de Le Tourneur, que se perde em superficialidades e acrescentos. O texto

²⁰ Podemos verificar isto, num primeiro instante, pela constatação do que se passa com as notas: no texto inglês, explicam quem são algumas das personalidades referidas, no texto francês, algumas delas já não existem – mesmo eventuais explicações não confeririam maior familiaridade junto do público, que continuaria a ignorá-las – e no texto português não existem de todo.

final é bastante diferente do original e revela-se merecedor de um estudo mais completo do que agora cabe fazer.

Vejamos, então, como chegou a *Epístula* ao convívio dos leitores portugueses. Contrariamente ao tradutor francófono, Vicente Carlos de Oliveira mantém-se extremamente próximo do texto francês, sobre o qual trabalhou: a similitude das línguas permite-o e a sua atitude aproxima-se mais da que consideraríamos hoje ser a de um tradutor. Ao discurso de Le Tourneur não acrescenta nada e assume uma atitude bastante mais neutra. Verdade seja dita que aquele era um tradutor com obra crítica sobre tradução o que, tanto quanto sabemos, não terá sido o caso de Oliveira: como já referi, muito provavelmente, o seu interesse por esta epístola ter-se-á devido à comparação entre o teatro francês e o inglês, um complemento de outros textos de Young em que estaria interessado. Há, no entanto, um pormenor curioso, para o qual não encontro explicação: quando discorre sobre o papel benfazejo da arte dramática no coração dos homens, afirma a sua utilidade porque “mudaõ de repente por hum força maravilhosa o libertino em homem de bem”. Ora, no francês, o termo é “scélérat”. Consultados vários dicionários, entre eles o de Solano Constâncio (1852), em nenhum se verificou a sinonímia entre “celerado” e “libertino”, ficando por entender a razão da mudança. Fora pormenores deste género, a grande transformação dá-se, como já verificámos, entre o inglês e o francês, o que fez com que, mais uma vez, os portugueses ficassem privados de aceder ao texto de Young, já que a *Epístula* não voltou a ser traduzida.

Mas tendo sido o nome de Shakespeare que motivou o nosso interesse, vejamos então o que sobre este autor chegou a Lisboa, por intermédio do texto de Young.

A epístola abre com uma evocação dos gloriosos tempos de Roma em que César Augusto afastava os grandes do seu império para ceder direito de passagem a Horácio, “amigo das Muzas”.²¹ Dessa evocação, Young parte para uma encomiástica comparação entre o imperador romano e Lord Landsdowne que, diz o poeta, o fez esquecer o primeiro, insinuando ainda que siga o exemplo daquele, uma vez que também se encontra “animado, elle mesmo pelos seus nobres ardores.”

Prossegue então com a descrição dos horrores em que a guerra mergulhou a Europa, estabelecendo a alternância entre a destruição que a guerra provoca e os prazeres deleitosos da Natureza que esta não consegue repor ao mesmo ritmo a que os homens a destroem, numa visão de paraíso perdido. “Em vão a Natureza ri ao desgraçado: logo que elle padece, he insensível aos seus atractivos.” A guerra prossegue, insensível à Natureza, o tempo é medido “pelas calamidades, ou pelo repouzo da espada: o Metal retinindo nas trombetas anunciava a noite: e o sangue que comessava a correr (...) ameaçava com a vinda do Sol.”

Este quadro apocalíptico altera-se “logo que hum Ministro tal como tu, se chega ao Throno, se aproxima dos Reis”: a Natureza reencontra a sua harmonia, uma harmonia que só a Paz, “Augusta Rainha”, possibilita. A Paz é vida e tudo se renova aos olhos

²¹ Não será grande comparação, uma vez que Horácio, uma das figuras mais marcantes do século de Augusto, depois do assassinio de César (44 a.C.) apoiou Bruto e combateu do seu lado contra Octaviano, o futuro Augusto.

do homem “que cessou de padecer”. A comparação faz sentido, uma vez que Granville sucedeu a Robert Walpole como ‘Secretary of War’, cargo que desempenhou entre 1710 e 1712, ano em que passou, como vimos, a desempenhar outros cargos e a fazer parte do ‘Privy Council’, posição em que podia continuar a aconselhar a rainha no prosseguimento dos esforços diplomáticos relativos à paz de Utrecht e ao consequente fim da Guerra da Sucessão Espanhola. Depois de pintar um quadro em que as artes florescem em períodos de paz, Young afirma a superioridade da cena sobre a História, uma vez que esta só dá uma imagem dos factos, ao passo que aquela permite ter à frente dos olhos o herói de que fala: “Sobre a Scena he elle mesmo que nós vemos (...) a Muza dramatica une o seu corpo á sua alma, e ressuscitando-o todo inteiro, lhe dá a palavra, e o faz obrar, e viver sob os nossos olhos: nós nos julgamos contemporaneos d’hum Herôe celebre”. O teatro inglês não teme comparações – “em parte alguma Melpomene reina com maior esplendor” – e o jovem poeta tenta explicar o seu interesse e força pela capacidade que tem de ignorar “as bellezas estudadas” da arte e “empregar a sua força no plano de uma acção simples, e pathetica.” Será curioso verificar que, a propósito desta última referência, e como exemplo do processo de mediação efectuado pelo texto francês, no original inglês, Young define o objecto do drama como “a great plain action” (v. 277), enquanto Le Tourneur acrescenta “pathétique” – que repetirá um pouco depois –, conceito que nunca surge em inglês, e um elogio à capacidade dos dramaturgos franceses de “soutenir les progrès d’un intérêt qui va toujours croissant. On se sent de plus en plus un violent désir”, retomando em seguida a linha do poema original.

Uma análise mais detalhada da tradução revela abundantes elementos desta consciência, que tanto Young como Le Tourneur têm, das diferenças entre as tradições dramáticas dos respectivos países. Na sua tradução e, portanto, no texto português, o primeiro tradutor reforça sistematicamente a componente “emocional” que Young definira como “They sigh; we weep: the Gallic doubt and care / We heighten into terror and despair”. Os paradigmas da estética teatral em que trabalharam são diferentes: uns privilegiam a força da essência, a acção, os outros a emoção e o patético. Daí o deslize da ênfase do original para a tradução. Le Tourneur faz parte daqueles críticos franceses que, a partir de Voltaire, abriram as portas de França, se bem que com reservas, a Shakespeare:

Supporters of Shakespeare saw features in his work that were lacking in French literature, whereas his detractors, soon to be in the minority, considered him barbaric and contrary to neoclassical ideals of taste and harmony. (...) The first volume of his twenty-volume *Shakespeare* (...) contained a highly polemical preface in defence of Shakespeare, whose natural greatness (...) had been obscured by previous “travesties”. (...) The genius of Shakespeare challenged values handed down from Antiquity and thereby undermined all that was sacred in French literature. The sense of nation discovered through contact with Shakespeare took on a broader significance, both literary and political. (Delisle/Woodsworth, 1995: 75s.)

Também a *Epístola* reflecte esta forma de pensar Shakespeare. Comparando-o com Racine, cuja lógica é imbatível e coesa, Shakespeare é apresentado como um criador,

não um intérprete ou mediador entre o público e o objecto representado. Racine imita, Shakespeare cria, não se prendendo a leis que não as que o seu génio dita: e este é tão imenso que até mesmo as suas criações mais fantasistas – Feiticeiros, Fadas e Ilha Encantada – se tornam creíveis, fazendo com que nos esqueçamos que não passam de frutos da sua imaginação. As paixões que descreve são tão avassaladoras, que o próprio público as sente como suas: “Quem póde respirar quando o seu Othelo está nos transe do siume?”

É curioso verificar que nesta alternância de planos de realidade e ficção, o texto de Young usa Shakespeare como ponte entre os dois, quer para falar dos temas que trata, quer até mesmo para falar do próprio poeta: “Shakespear tambem, com o seu Talbot venceo a França. O sangue do bravo Talbot, correrá muito tempo por huma serie de descendentes dignos delle: porem Shakespear não tem mais que hum herdeiro do seu génio (...)” que é Landsdowne. Aqui, a referência que nos interessa é “Talbot”. No texto inglês, numa das notas que viriam a desaparecer nas versões subsequentes, lê-se: “An ancestor of the Duke of Shrewsbury, who conquered France, drawn by Shakespeare”. Ou seja, estamos a falar de uma figura histórica tornada personagem, que surge referida em *Henrique V*, e como “Dramatis Persona” em *Henrique VI* (Parte I), Lord Talbot, “afterwards Earl of Shrewsbury”. A sua descendência prolongou-se no tempo o que, segundo Young, não aconteceu ao génio inimitável de Shakespeare. E com isto se termina a curta referência a Shakespeare. Há que repetir que o objectivo da *Epístula* não era a crítica dramática e que, se um pequeno trecho sobre esta existe é porque o destinatário do panegírico à literatura dramática se dedicava. Shakespeare surge como epítome do que de melhor existe na tradição inglesa, assim como Racine simboliza a francesa.

Uma nota final. Não deixa de ser curiosa a relativa “passividade” de Vicente Carlos de Oliveira em relação à matéria do seu texto. A familiaridade com temas, incidentes, figuras e textos – por exemplo, *Oroonoko* – que em Young é natural, uma vez que é o autor do discurso, e em Le Tourneur explicável, quer pelo maior contacto da França com a cultura inglesa, quer pela sua própria actividade de tradutor (que já se referiu), não faz o mínimo sentido em Portugal, onde o contacto directo com a cultura inglesa não existia e o contacto em segunda mão, por mediação francesa, estava a dar os primeiros passos. Mesmo que António Carlos de Oliveira conhecesse muito bem a realidade britânica, os receptores do seu texto não. Portanto, a informação sobre Talbot, *Oroonoko*, Harison, etc., é perdida. Tanto assim que, como já vimos, o tradutor não se preocupou em inserir as notas, mesmo aquelas que Le Tourneur deixara: não faziam sentido. Eram, a um tempo, portadoras de demasiada e de insuficiente informação.

Esta *Epístula* mostra-nos, entre outras coisas, como a cultura inglesa chegou ‘filtrada’ a Portugal. Na verdade, em 1786, o público português mais depressa apreciaria as metáforas assentes da Antiguidade Clássica do que as familiares referências a Shakespeare e suas personagens. Mas a intervenção de Le Tourneur decidiu um outro destino. Ficámos a ganhar, com uma nova inclusão de Shakespeare na linha cronológica da sua entrada na vida cultural do nosso país. O que começou por ser um texto bastante pessoal acabou por funcionar como mais um dos variados veículos pelos quais o

conhecimento sobre Shakespeare foi transmitido à cultura oitocentista. Não terá tido uma grande profundidade mas foi mais uma pedra no caminho que faria do nome de Shakespeare uma referência verdadeiramente europeia.

Bibliografia citada

- AAVV (1973), *Enciclopédia Universal Illustrada*, Madrid, Espasa-Calpe.
- AAVV (2003), *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Grande Enciclopédia, [195?-2003].
- Afonso, Maria João da Rocha (1993), “Simão de Melo Brandão and The First Portuguese Version of of ‘Othello’”, in Dirk Delabastita, Lieven d’Hulst (eds.), *Romantic Shakespeares*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, p. 129-146.
- (1996), “Othello estreia-se no palco português...” *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 5, Lisboa, JNICT, p. 121-136.
- Bastos, António Sousa (1898), *Carteira do Artista, apontamentos para a história do theatro portuguez e brasileiro acompanhados de notícias sobre os principaes artistas, escriptores dramáticos e compositores estrangeiros*, Lisboa, Antiga Casa Bertrand.
- Benevides, Fonseca (1883), *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa desde a sua fundação em 1793 até á actualidade: estudo histórico*, Lisboa, Typ. Castro Irmão.
- Carvalho, Mário Vieira de (1993), *Pensar é morrer ou o Teatro de São Carlos na mudança de sistemas sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*, Lisboa, INCM.
- Chagas, Manoel Pinheiro (1876), *Diccionario popular historico, geographico, mythologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario*, 16 vols. em 8 tomos, Lisboa, Lalléman Frères.
- Constâncio, Francisco Solano (1852), *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza*, Paris, Angelo Francisco Carneiro.
- Delisle, Jean/Judith Woodsworth (eds.) (1995), *Translators Through History*, John Benjamins Publishing Company, UNESCO Publishing.
- Estorninho, Carlos (1964), “Shakespeare na Literatura Portuguesa”, sep. da revista *Ocidente*, LXVII, 317, Lisboa, Setembro.
- Johnson, Samuel, *Lives of the English Poets*, <<http://www.hn.psu.edu/Faculty/KKemmerer/poets/young/she.htm>>, consultado em 4/06/2004.
- Jorge, Maria do Céu Saraiva (1951), *Shakespeare e Portugal*, dissertação de Licenciatura, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Lemos, Maximiliano (dir.) (s/d) [1899-1910], *Encyclopedia Portugueza Illustrada, Diccionario Universal*, 11 vols., Porto, Lemos e C^a.
- “Life of Young”, in *Lives of the English Poets*, <<http://www.hn.psu.edu/Faculty/KKemmerer/poets/young/she.htm>>, consultado em 4/06/2004.
- Lima, Frei Bernardo (1762), recensão das obras “Conversações Familiares sobre a eloquencia do pulpito”, e “Verdadeiro Methodo de Pregar”, *Gazeta Literária* [Porto], I, p. 110-127 e 135-151.

- Lima, Henrique de Campos Ferreira (1945), “Relações do poeta Eduardo Young com Portugal”, *The Anglo-Portuguese News*, 311, 2 de Agosto de 1945.
- Lousada, Isabel (1998), *Para o Estabelecimento de uma Bibliografia Britânica em Português (1554-1900)*, 2 vols., dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Silva, Inocêncio Francisco da/Brito Aranha *et al.* (1958), *Diccionario bibliographico portuguez, estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*, 22 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923 [vol. 23, *Guia bibliografica* por Ernesto Soares, 1958] (=DBP).
- Silva, Jorge Bastos da (2000), “Um contexto para a recepção de Shakespeare no Romantismo português: os dados dos periódicos”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 9, Lisboa, JNICT.
- (2005), *Shakespeare no Romantismo Português. Factos, Problemas, Interpretações*, Porto, Campo das Letras.
- Venutti, Lawrence (2002), *The Translator's Invisibility. A history of translation*, London, New York, Routledge [rep.1995].
- Young, Edward (1771), *Oeuvres Diverses du Docteur Young, traduites de L'anglois par M. Le Tourneur*, vol. IV, Amsterdam, chez E. van Harrevelt.
- (1784), *The Works of the Author of the Night Thoughts. To which is prefixed an account of the life of the author*, Bell (ed.), 6 vol., Edinburgh, At the Apollo Press, by the Martins.
- [1806], *The Revenge ... As performed at the Theatres Royal, Covent Garden and Drury Lane*. Printed ... from the prompt book, with remarks by Mrs. Inchbald, Longman, Hurst, Rees & Orme, London.

Anexo 1

EPISTULA
DE YOUNG
AO
LORD LANDSDOWNE
SOBRE A PAZ DE 1712
COM HUM DISCURSO DO AUTHOR
Sobre o Theatro Inglez, comparado
com o Theatro Francez.

Parnassia laurus.

Parva sub ingenti matris se subiecit umbrd.

Virg.

No celebre Seculo que vio a gloria de Roma lançar o seu maior resplendor, e o ditozo Augusto unico Senhor do Mundo; em quanto hum montaõ de Reis esperavaõ á porta do seu Palacio, e enchiaõ a sua Corte de Supplicants Coroados, Horacio apartando todos aquelles Reis siozos, se hia livremente sentar ao lado do Monarca: a soberba do poder cedia ao encanto dos Versos. Huma vez levantando o vôo para os Ceos, outra abaixando-o sobre a terra, elle levantava, ou adoçava, alternativamente os sons da sua Lyra, e ensinava as Muzas Romanas a variar as harmonias do genio.

Virtuozo Milord, logo que te vejo²² me esqueço de Cezar: perdoa-me se eu chego á tua prezença com a liberdade de Horacio. O amigo das Muzas gosta de ver huma fendendo o montaõ dos Cortezãos, e penetrar até a sua vista, elle manda aos grandes que o cercaõ abrir huma livre passagem ao genio: e derigindo-lhe o surrizo da amizade, anuncia ao Mundo sabio, quanto as artes ama, e que está animado, elle mesmo pelos seus nobres ardores.

Muito tempo a triste Europa cuberta de luto, e submergida na dor, chorou os seus mortos: muito tempo a Discordia passeou no seu sanguinozo carro pelos Imperios aballados, despovoando Nações, e mudando as Corôas dos Reis. De que Scenas de horror, e mortandade, ella fez pasmar a terra, e os mares? Hum instante de extorçoens deixava immensos vacuos nas gerações, e a Natureza activa não podia ser tão prompta em reparar, quanto o homem o era em destruir.

Em vaõ o Estio bem fazejo cobria os Campos de novas searas: em vaõ a Vinha liberal enchia, e adornava as terras dos seus deliciosos cachos. O Mar vomitava o terror, e dardava sobre as suas praias: os Prazeres fugiaõ assustados, e a taça aonde espumava o nectar de Borgonha voltada lhe cahia das suas tremulas mãos. He em vaõ, que a Natureza ri ao desgraçado: logo que elle padece, he insensivel aos seus atractivos: a Primavera fazia nascer as suas flores, o Outono os seus fructos dourava para os ingratos. Entaõ não era quando a sua face das Estações variadas distinguia o anno: o Homem não media o tempo senaõ pelas calamidades, ou pelo repouzo da espada:

²² A opção pela forma da segunda pessoa do singular, contrária à posição de discípulo e admirador que Young assume frente a Lord Landsdowne, deve-se, segundo creio, a um deficiente conhecimento dos formalismos da cultura inglesa por parte de Le Tourneur. O tradutor francês passa do “vós” ao “tu” sem razão aparente e, no final, retoma a segunda pessoa do plural. Vicente Carlos de Oliveira segue rigorosamente o texto francês.

o Metal retinindo nas trombetas anunciava a noite: e o sangue que comessava a correr nos ameaçava com a vinda do Sol.

Porém a felicidade não tarda em se mostrar, logo que hum Ministro tal como tu, se chega ao Throno, e se aproxima dos Reis. A Paz, muito tempo abandonada perdoa ao Homem os seus insensatos desprezos, e vem, em fim, obrigallo a ser ditozo. Com a sua prezença, os mortaes se esquessem dos males, e riem do passado; as Nações cessão de gemer, as Corôas se fazem firmes nas cabeças dos Reis, e mais doces virtudes succedem ao valor. O grande Homem não he obrigado a morrer. O bravo Argillo pôde viver, e pôde com a sua voz servir a Patria; o Herôe vem a fazer-se hum sabio, que a gloria condus a immortalidade por hum caminho pacifico, e do qual podemos pronunciar o nome sem nos assustar-mos.

As Searas nascentes não são mais profanadas pelo ferro barbaro. Já não he para hum Senhor desconhecido que ellas se levantaõ pellas planicees, e as cobrem de vagas ondeantes. A dourada espiga cahe nas mãos do que a semeou. O Lavrador chega gostozo, e carregado ao seu tugurio, e não vé que se lhe rouba no caminho a precioza sementeira, que devia sustentar os seus filhos. Os Rios cessaraõ de rolar ondas de sangue. O Sol brilha de hum resplendor mais doce; os dias são mais serenos. Toda a Natureza se ri com a Paz. Augusta Rainha, todos estes beneficios são obra tua.

O infermo languindo sobre huma cama de dores, já não implora a morte; elle se reanima, e se levanta para viver, e vai respirar sobre os campos floridos a saude, e a felicidade. Os objectos, assim como os sentidos lhe paressem novos: tudo são encantos para o convalescente: tudo he interessante para o Homem que cessou de padecer.

E esta Paz, não he huma Paz, que só faz suspender o furor dos combates, e que só dá hum momento de quietação, aonde a morte continuando em preparar a guerra, logo promete de comessar, a destruir todas as sementes que podiaõ nutrir os nossos furores estaõ sufocados. Os nossos illustres inimigos se mudáraõ em amigos fieis; o amor, e a generosidade só pôdem entre elles, e nós excitar as innocentes rivalidades. Francisco, vede o vosso amigo na amavel Bolingbroke, elle bem sabe que pôde achar hum Landsdowne na Corte do vosso Rei. Ditoza revolução! recebida no Palacio dos Burbões, Bolingbroke não se cre que sahio da sua Patria. O Monarca desce do seu Throno, e com hum generoso acolhimento disputa a nossa Rainha o coração do seu Ministro: os seus olhos buscaõ hum presente, que possa ser interpretado de tudo quanto elle sente. Hum Diamante brilha, o seu resplendor tinha muitas vezes renovado a sua dor, e feito correr as lagrimas. Agora elle o vê com prazer: elle o dá áquelle que melhor o consola da perda do seu filho. Tanto he charo o Ministro de Inglaterra ao Monarca de França; tanto o nosso illustre inimigo he grande na sua Corte, e grande nos theatro [*sic*] dos combates!

Em vaõ a Natureza interpoem hum furiozo Oceanno entre as duas Nações: ellas não formaõ senaõ hum Povo de amigos: as praias de Inglaterra, e as de França se confundem: a Tamissa [*sic*] corre por Luiz, e a Scena por Anna. Os nossos combates nos descobríraõ as virtudes reciprocas: a nossa uniaõ vem de cada vez a ser mais estreita, e as das nossas mutuas feridas dobra os transportes dos nossos abraços. Que Inglez pôde negar a sua estimação ao guerreiro, que fez conhecer o susto ao intrepido Martborough [*sic*]? Que Vassallo dos Burbões pôde recuzar a sua admiração

ao Herôe que poudes vencer Tallard? Assim o odio fazendo-se generoso se muda em amor, e a guerra que tinha sublevado inimigos, une, e dobra acabando o numero dos amigos.

Quanto me alegra a contemplação, da immensidade de bens, que vão nascer com esta paz afortunada! O Commercio vai embranquecer com as suas vellas o vasto Horizonte dos mares: os ricos Navios vão rollar com segurança sobre as ondas d'hum Polo a outro Polo. Inglez que vens das extremidades do Universo cansado de trabalhos, e fadigas, e afflicto de ver o Astro da noite só mostrar-te o Ceo, e as aguas, quando tornares a ver as praias da chara Patria entrega-te sem medo aos gostozos transportes? No meio do teu prazer, e contente de teres escapado ao terrivel Oceanno, tu não te verás carregado de ferros, e conduzido para longe do porto aonde estão os teus filhos. Tu increparás os ventos, e as tempestades, de terem conservado em ti hum escravo para os inimigos, e tu não verás as tuas riquezas armar as suas mãos contra a Patria. Tal era o horrendo destino que o esperava no porto, depois de ter hum longo tempo aberto regos nas campinas espumantes: vencedor de mil accazos, só lhe ficava para temer o seu semelhante.

Assim a terna Philomella tomava o seu vôo, tornava a ganhar o bosque, e o regato solitario, aonde os seus pequenos filhos com fome, esperavaõ o seu sustento: ella hia insaiar-lhe as suas azas pelo seu exemplo, e ensinar-lhe a repetir os seus doces cantos: mas o passarinho inhumano estendeo as suas redes invezeis; e esta terna Mãe perde para sempre os seus filhos, e a sua liberdade.

A bondade, he a grandeza levada a hum supremo grão: o poder he hum instrumento de maldição, quando elle não he o amigo da virtude o verdadeiro conquistador he aquelle que faz cessar a guerra, e que dá ao genero humano a liberdade de servir em paz ao Rei dos Reis. Se os Reis da terra se propoem outro fim, elles meressem a trahir sobre os seus Povos flagellos mais terriveis do que a guerra: e se o Demonio dos combates, cansado da carnagem se repouza, devem tremer que a palida fome, e a peste cuberta de chagas não venhão occupar o seu lugar, murchar a natureza, castigar hum Povoo ingrato, e varrer para a sepultura, o que tinha escapado ao gume da espada.

Sombras dos Herôes que a guerra derribou, abaixai os olhos sobre a vossa Patria, e vendo os dias ditozos que ella goza felicitai-vos da vossa morte. Contai a vossa gloria aos Herôes vossos antepassados, que perecerão antigamente nos campos de Azincout [*sic*], e Creci: e depois retirai-vos para o profundo seio da eternidade: onde vos esperaõ mais importantes cuidados, que os da paz, e da guerra: para sempre indifferentes ás revoluções deste globo, vós não vos informareis mais do que aqui se passa, e na imbrriages de huma felicidade perfeita, vós esquecereis os mortais.

Em fim, os valerosos não tem mais do que huma só morte: elles não se verão morrer por pedaços, e os seus membros sepultados hum atras do outro em separadas covas. E nós correndo pelos caminhos do prazer, ou da fortuna, não encontraremos mais nas ruas das nossas Cidades Tropas de guerreiros mutillados, cujos ossos ficáraõ espalhados sobre as planicies da Flandres, ou agitados pelas ondas nas arêas dos mares, arrastando os restos d'hum corpo languido, e desfigurado: não será preciso com a sua vista compor os nossos semblantes, e apagar a alegria, que lhe insultaria a sua miseria: não será preciso reprehender-nos dos bens que gozamos, e que nos conservou o sangue

derramado por esses bravos guerreiros, que vem envergonhados, e cheios de fome pedir-nos pão.

A Religião, póde daqui em diante deregir ao Ceo os seus votos innocentes, e puros. Nós podemos agora prostrados aos pés dos altares implorar sem crime a bondade do Ente supremo; podemos supplicar sem deixar-mos de ser Christãos, e sem lhe pedir-mos no mesmo voto a sua clemencia sobre nós, e a morte para os nossos semelhantes.

Que transportes eu experimento vendo reanimar-se as Artes, e prometer a Inglaterra de segurar a gloria que ella tem adquerido nos combates, fortificando-os nós da paz! Em quanto vemos, e contemplarmos em torno das nossas paredes o Francez fugindo diante do Inglez, que o persegue, em paineis tão animados, e tão cheios de movimento, e de vida, que Rafael teria siume, o nobre fogo de hum ardor guerreiro se espalhará dos nossos corações para os nossos olhos, e para as nossas faces inflamadas: mas ao mesmo tempo saibamos ser contentes dos nossos triumphos passados, e pôr animozamente limites a nossa gloria, temamos que querendo ainda augmentalla não percamos a que temos adquerido.

Que socego, e que tranquillidade profunda! já as aves comessáráo os seus consertos no silencio dos bosques, ou sobre as margens dos ribeiros. Nos campos os Pastores sem susto cantão a paz com as suas Pastoras: nas Cidades, a Muzica faz ouvir a sua doce melodia, esquecendo os assentos tumultuosos da carnagem, ella não canta senão amor eternura [*sic*].

Mas o que são, depois do canto das Muzas, a voz dos Cantores, allados dos bosques, e a melodia dos sons, e os prestigios das cores? Milord, são só as Muzas que meresserao sempre, e que sempre tiverao os vossos primeiros favores. Porém as Muzas tambem não tem vozes senão na paz. O trovaão dos combates cessa de fazer estrondo, antes que a Grecia visse os seus Poetas tomar o vôo para os Deozes: o Grande Anibal esse formidavel inimigo de Roma, estava sepultado, todos os seus belicozos vezinhos estavao ensanguentados, e vencidos em torno d'elle, o Templo de Janno estava fechado, e os seus hymnos de paz comessados antes, que ella ouvisse cantar Ovidio, ou Virgilio.

A Muza que inspira os versos faz variar os seus bons sem nada perder das suas graças, e agradar debaixo de mil formas differentes, mas já mais ella se mostrou com mais resplendor, e Magestade que no tempo, em que abrindo a cortina pompoza das Scenas, ella mostra os Herões, e os Reis agitados pelas paixões humanas, ou a belleza de luto comunicando a sua dor ao montaão cerrado dos spectadores. He ella que retirando do nada do passado os seculos expõem á imitação do Povo Inglez todas as virtudes sublimadas que produzio o tempo. A Arte louvada pelos Historiadores famosos, não he nada á vista das maravilhas que ella expõem aos nossos olhos. O Historiador só pinta a alma do Heróe: e inda mesmo não póde offerecer mais do que huma sombra imperfeita, ou huma figura deenhada por acazo. O Heróe está auzente, e nós não ouvimos senão o seu interprete. Sobre a Scena he elle mesmó que nós vemos, a sua prezença faz sobre os espiritos huma impreção profunda. Por hum poder magico a Muza dramatica une o seu corpo á sua alma, e ressuscitando-o todo inteiro, lhe dá a palavra, e o faz obrar, e viver aos nossos olhos: nós nos julgamos contemporaneos d'hum Heróe celebre, que mil seculos passados separaão de nós; he por nós que Heitor se arma, e voa ao combate.

Que gloria he igual aquella d'hum Author cujos trabalhos uteis a sua Patria triunfão da corrupção dos corações, mudaõ de repente por huma força maravilhosa o libertino em homem de bem, e lhe inspiraõ para a virtude huma paixão pronta, que lhe faz amar as precizões, e os trabalhos de que ellas vem acompanhadas?

Que homem pôde ouvir os gemidos do divino Montezuma, e não aspirar a gloria de soffrer as suas dores? por pouco que abandoneis a vossa alma aos encantos que a atrahem, o Author vai reinar como Senhor sobre ella, e governar á sua vontade as vossas inclinações, e os vossos desejos, e a victoria não he hum triunfo passageiro; se o vosso coração ainda prezo ao vicio reziste á virtude, o freio poderoso da vergonha acabará de fixar a vontade indeciza, e encadealla no bem.

Mais de huma vez eu vi o copo na mão faltando nelle hum vinho generoso, fazer á alma huma doce violencia, e abrir os retiros profundos, e fazer escapar hũa verdade, que a fria sobriedade tinha havia muito tempo aprizionada. Commummente confições importantes que rezistiraõ aos encantos do ouro, aos atractivos da belleza, as opreções da dor, e da tortura, cedéraõ ao poder insinuante do nectar das uvas. Depois que o tumulto dos espiritos tinha a caljado [*sic*], o desgraçado entregue pela sua mesma boca, chorava a sua fraqueza, porém era muito tarde: a palavra irrevogavel, tinha sahido do seu coração, e a verdade confessada desmentia os seus enganos.

Assim as almas obstinadas, que nem a bondade dos homens, nem a clemencia dos Ceos, nem o terror das penas da outra vida, nem o medo das Leis humanas não pudéraõ fazer intrar no partido da virtude; surprehendidos sem o perceberem, e vencidos pelos prestigios da Scena, rezignáraõ sem rezistencia os seus habitos máos, e depravados entre as mãos do Poeta triunfante.

Como o vinho, cujo prazer enche incessantemente o copo que circula nas mãos dos convidados sugeita por grãos os nossos sentidos, e os submete; assim a influencia poderosa do recito Dramatico entra, e se insinúa pouco a pouco nos corações: a medida que o Author avança, que se aquecesse o banquete das Muzas o delirio, e a imbragues se augmenta acordaõ os sentimentos, as paixões fermentaõ: e bem depreça toda a alma está em tumulto; bem depreça conquistada ella se rende a virtude: a virtude se admira daquelles novos discipulos, e do ardor que [*sic*] os anima. Hum zello sublime os transporta, e os agita, possuidos de hum santo furor, elles não pôdem ficar mais tempo nos seus lugares: elles se levantaõ dos seus assentos, e estaõ quazi para voar ao soccorro da innocencia ultrajada a enterrarem o punhal no seio do tiranno, que os opprime. Como poderia a alma passar desta nobre, e fervescencia [*sic*] ao estado gellado da fria baixeza, como destas ellevações sublimes, e tornar logo a cahir na impura imundicia do vicio? Como o mesmo homem, que honte á noite misturou as suas lagrimas com as da infeliz Monima, se poderá levantar hoje com o pensamento de despojar o Orfão? Se perguntares á Inglaterra que possui perfeitamente esta arte de senharear as paixões, e o coração, e de mudar [*sic*] as almas na Scena: ella vos nomeara Talbot, amigo de Landsdowne. Talbot, foi o mestre mais habil que se tenha visto nesta Escolla da moral, onde o prazer faz gostar as lições da virtude. Por honra de Corneilhe eu me calarei sobre Oroonoko, porém que importa a Talbot o nosso silencio, ou os nossos elogios? Os louros que cingem a sua frente saõ regados das lagrimas da desgraçada Izabel, e o tempo não os pôde murchar.

Os nossos inimigos confessaõ (e esta confissaõ póde lizongear o nosso orgulho) que em nenhuma parte Melpomone reina com maior resplendor, e gloria, que sobre a Scena Ingleza a Muza de Pariz mais delicada, faz dezemvolver, e conduzir com mais fineza o enredo de huma intriga sabia, e complicada: o nosso genio menos curiozo de bellezas estudadas da arte olha para a grande, e se agrada de empregar a sua força no plano de huma acção simples, e pathetica. He verdade que os nossos vizinhos sabem picar vivamente a curiosidade, e suster o progreço de hum interesse, que sempre vai crescendo, sente-se de cada vez mais hum ardente dezejo de ver no fim como o Herôe sahirá do laberinto aonde está empenhado.

Nós, só pretendemos [*sic*] mover as paixões, e levallas ao maior auge, sempre mostramos o Herôe opprimido de algum golpe terrivel. Os Francezes suspiraõ; mas nós choramos: entre nós a duvida, e as emoções são o termo aonde para o pathetico, nós o levamos até aos transe do terror, até a extrema dezesperaçaõ. He ao coração aonde derigimos todos os golpes: nós com huma atrevida mão, aballamos todas as fibras das paixões [*sic*] violentas, e nunca julgamos dar á platea huma muito forte d'oze [*sic*] de sentimento, e de prazer.

Nos [*sic*] sabemos mostrar com grandes rasgos os grandes objectos da natureza, e as nossas peças nunca tiraõ a sua beleza das regras do Drama. A morte de Cezar he uma acção muito simples para lizongear o gosto muito refinado da platea Franceza, elle quizera que a arte a viesse sazonar, e fazella mais picante urdindo sobre este retalho d'ouro a cadêa de huma intriga amoroza.

Nós não pensamos assim, sabemos que o Ceo formou em Cezar hum maior homem que não pode debuxar a natureza humana, e a arte: nós o pintamos tal como ella o poderia fazer; e não temos a falsa delicadeza de nos scandalizarmos das suas obras, e de as querermos emendar. Para senharear a atençaõ, e os corações Shakespear não seguio na sua peça outro plano senão aquelle, que o todo Poderozo elle tinha traçado a este Romano. Vede o Theatro dos nossos vizinhos. A arte se mostra por toda a parte, he o grande Corneille que se applaude em cada Scena, o Inglez ao contrario, amando com grande paixão a natureza não se lembra de Shakespear senão depois de se abaixar o panno, e voltando para sua caza com o coração sufocado de soluços, he mesmo de Veneza, do Egyto [*sic*], da Percia, da Grecia, ou de Roma, que elle lhe parece ter chegado.

Se o Francez não dezenha os seus planos com a energia que marca os nossos, he preciso confessar que he nosso igual na pompa, e no brilhante do stilo. Não ha Naçaõ, que pense, e que se explique mais justamente. Ja mais a Grecia teve hum gosto tão exquizado, nem hum senso mais delicado, e mais verdadeiro. Esta gloria não he sempre a nossa: commummente aforça de nos querermos ellevar, nos perdemos nas nuvens, e nossos esforços para subir nos abaixaõ.

Racine faz fallar todas as suas personagens, ainda mesmo os subalternos com tanta precizaõ, e verdade que senão póde mudar huma idéa, hum sentimento sem fazer hum contra senso. Não acuzemos os Francezes de falta de calor, e de chamma; porque gavarmo-nos de ter mais he fazermos nós mesmos a nossa satira.

E com tudo, eu nunca leio Shakespear, que não sinta perder alguns grãos da minha estimaçaõ em ordem ao Universo, e dos homens, que nós vemos, elle não sómente vío

a natureza que existe mas creou outra e ambas enchem as suas paginas de rasgos de genio, e de golpes de mestre enimitaveis. Os seus Feiticeiros, as suas Fadas, a sua Ilha encantada, roubaraõ as nossas amas, dos seus contos o seu maravilhozo, e os seus encantos não são mais que sonhos insipidos, e frios em comparação do resplendor das suas ficções interessantes. A illuzaõ que nos engana vai quazi a fazer-nos sentir a perda dos Historiadores deste novo Universo, e esquecemo-nos de que não existe em outra parte mais que na sua imaginação. Quem póde respirar quando o seu Othelo está nos transe do siume? Shakspear [*sic*] tambem, com o seu Talbot venceo a França.

O sangue do bravo Talbot, correrá muito tempo por huma serie de descendentes dignos delle: porém Shakspear não tem mais que hum herdeiro do seu genio. Milord, eu não quero nomear o seu Rival..... Mas de que serve o silencio quando he taõ brilhante o merecimento, que he impossivel o esconder-se. Não ha Leitor que não adivinhe o meu segredo, e que senaõ nomeie a si mesmo o grande Agamemnon.

Eu dou as graças ao destino, que me fez achar em vós, Milord, hum juiz illuminado dos meus escritos: vós sabeis apreciar a obra, e nunca humilhais o Author com falsos elogios. O louvor, quando não he devido, he huma injuria de que se offende huma alma soberba. Hum juizo severo, mas util he só a honra a que aspiro, que me lizongea. Em vaõ o homem poderoso, esgotaria os seus thezouros, elle não conseguiria o [*sic*] contentar o orgulho de hum Poeta. Por hum Poeta verdadeiramente inspirado dos Deozes a melhor recompensa, he dever que os seus versos sejam bem concebidos, e bem sentidos. As Muzas escrevem pela gloria, e não pelo ouro. O ouro he muito vil para pagar os seus presentes. Elles desdenhaõ outro salario, que não seja a honra, não he senaõ a expreção do respeito, que o coração dá ao merito Landsdowne, tu conhesses a soberba das Muzas, e já mais lhe feres a sua delicadeza!

Quem mais do que tu merece ser o objecto dos seus Cantos? Quem possui mais raras virtudes? Para seres ditozo não precisas das atenções do publico, nem dos applauzos da multidaõ. A fonte da tua felicidade está no teu coração, e na tua alma; com a tua consciencia, o teu semblante brilha com huma alegria pura, satisfeito, e contente te surris a ti mesmo.

He hum dom que a natureza faz a poucos, e que tu possuhes: qual he a ditoza faculdade de experimentar o prazer, á vista do meressimento dos outros. Tu não temes achar a virtude em hum Rival: o homem grande não he nunca para ti hum objecto de afflicção, hum vizinho enfadonho hum inimigo que procures fugir.

Quanto eu amo o seguir-te com o pensamento nesse espeço bosque aonde se entranha o azillo do teu retiro! quando tu passas do tumulto da Corte, e dos negocios, para a paz desses lugares tranquilllos, tu não te julgas lançado em huma terra Estrangeira. A solidaõ, e o silencio não admiraõ a tua alma, o malancolico enojo não vem nunca encher o vacuo dos pensamentos, tu sabes escolher huma immensidade de amigos, e companheiros nos grandes homens de todos os tempos, e de todos os lugares: tu sabes conversar agradavelmente com os Herões, e com os genios dos seculos passados. Mas a sua conversassão não faz senaõ divertir-te; porque elles não te saberáõ instruir; todos os grandes Escriutores da Grecia, e de Roma não fizeraõ mais do que escrever a historia das tuas idéas; e a tua alma he mais sabia, he mais rica do que os seus escritos.

Que te falta para a tua felicidade, pois que com todos esses dons, tu possues hum amigo? Tu não te podes gavar de o ter escolhido: tu o achates na tua familia seu Sobrinho, elle nasceo da tua raça, e foi a voz da natureza que o nomeou ao teu coração. Quanto invejo as doçuras que este amigo te faz gostar! Ah! que as doçuras da amizade acabárao para mim. O Harison!... he preciso que eu ceda á minha dor o meu coração assim o quer. Eu sei que as minhas lagrimas ainda que derramadas em vão, adoção as penas da minha alma... o destino cruel tu voltas com a paz, tu tornas a ver as praias da tua Patria, e já o meu amigo não existe! o teu termo bem depreça se encheo, e se a morte foi doce para ti! Ah! ella só o foi para ti. Não me acuzao d'orgulho, de misturar aqui as minhas lagrimas com aquellas com que os grandes honrarao as tuas cinzas? Strafford, e Bolingbroke sentiraó a tua perda, e as magoas que sacrificárao a tua memoria, fizerao de ti na sepulrura [*sic*] hum objecto digno de inveja. Depois que recebi a noticia da sua morte proxima, eu voo, eu ajunto as noites aos dias nesta triste viagem, o coração cerrado, e a alma cheia de horrendos persagios: Ah! elle já era tarde quando a minha alma se unio a esta metade della mesma. Eu não tinha mais amigos: a minha face se colou sobre huma face gellada: aquella voz, que encantava a Tamissa com os seus cantos melodiosos, languida, debilitada não tinha já força para exprimir as penas do seu coração: apenas ella poude formar hum debil suspiro, e depois extinguiu-se de todo. Quanto eu padeci vendo-o parado na entrada da carreira brilhante que se abria diante delle! Ah! de que servia a esperança proxima das horas, e da fortuna, que lhe estava promettida, senao de lançar mais amargura nos seus darradeiros instantes? Mas a sua alma soube vencer-se, e renunciar aquelles bens. O prazer de ver tornada a paz a sua Patria excedeo os sentimentos das suas crueis dores, e eu o vi aceitando o seu destino, sorrir-se nos braços da morte.

Em fim, perto de rezignar á morte huma vida que já não era sua, que estava perdida para mim; elle tomou a minha mão, pondo em mim os seus olhos nadando na morte, e apertando-a ternamente, eu a sentia entrar no meu coração... depois arrancando hum derradeiro suspiro... Ah! sustende-me... Ah! guardai-vos de vos unir muito a hum mortal, ainda ao mais virtuozo.

Perdoai-me, Milord, e a minha dor esta effuzaó indiscreta, e sem lugar: a dor tem privilegios, e o homem que tem precizaó de se consolar respeita pouco a decencia dos Estados. Eu recomendo a melhor sorte o tenro, e digno objecto dos vossos cuidados, e do vosso affecto. Ó possais vós não perder nunca hum amigo tao charo como me era aquelle que eu perdi! Que nenhum disgosto interrompa o curso dos vossos afortunados dias: gozai longo tempo dos bens, que a paz vai derramar pela Europa.

Não desprezeis o cantalla: a Muza que vos inspira nasceo para a immortalidade. Cantai esta epoca brilhante do nosso seculo, salvai a sua gloria do abismo dos tempos, e quando annos amontoados tiverem espessado as trevas sobre a historia, que este lugar do passado a inda [*sic*] brilha na noite do futuro illuminado de idade, emidade [*sic*] pelo resplendor dos vossos versos, e da vossa fama. ²³ FIM

²³ A transcrição desta carta segue rigorosamente a grafia e pontuação do original.

Anexo 2

Esboço biobibliográfico para Vicente Carlos de Oliveira (fl. 1775)²⁴

Escritor português que esteve activo em Lisboa no último quartel do séc. XVIII. Foi poeta e tradutor, tendo sido agraciado com a Ordem Militar de Cristo, no grau de cavaleiro. É responsável pelas seguintes obras:²⁵

? - Ode Saphica a D. Thomaz d'Almeida. 19º Mss. 54, n.º 20 – Autographo?

[1775] - “Era huma vez hum Rey, e era huma vez... na inauguração da estatua equestre de D. José I. Soneto.” In fol. ½ pág. Col. Manuscrito cópia do séc. XVIII.

1783 - *Historia das revoluções acontecidas no governo da Republica Romana, pelo Abbade Vertot, traduzida* (do francez). Lisboa, na Offic. de José de Aquino Bulhões. 8º Tomos I e II, com xx-422 pág. e 461 p.

1784 - *Lisboa restaurada pelo grande e incomparavel rei D. José I, de saudosa memoria*. Oferecido a D. Maria I: *Poema*. Lisboa, na Offic. de Fernando José dos Sanctos. 4º de vi-88 p.

1785 - *Noites de Young, a que se ajunta muitas notas importantes, e varios opusculos do mesmo Young. Traduzidas em portuguez*. Tradução de Vicente Carlos de Oliveira; Adicionada com muitas notas importantes, e com o Triunfo da Religião, e outros Opúsculos do mesmo Young. Lisboa, Typ. Rollandiana, 1785. 8º 2 Tomos XV-269-III p. ornados com duas gravuras. Consta que teve várias reimpressões, desde logo a de 1791. Segundo Inocêncio, a última das quais em 1804.

1786 - *Nova tragedia intitulada a «Vingança» do dr. Young*. Trad. em verso por Vicente Carlos de Oliveira. Lisboa, na Offic. de Francisco Borges de Sousa. 8º, p. 3-136. Neste volume está incluída outra tragédia intitulada *Buziris*, do mesmo autor e traduzida pelo mesmo tradutor. Existe na Biblioteca Nacional em reservados: *Nova tragedia intitulada a «Vingança»: representada no Theatro Real de Drurilane pelos Cómicos de El-Rey*. [Manuscrito 20 de Mar. 1784].

1788 - *Buziris Rei do Egipto. Composta pelo Dr. Young*. Trad. em verso por Vicente Carlos de Oliveira. Lisboa, Off. Francisco Borges de Sousa. 8º, p. 139-284.

²⁴ A Porbase indica para Vicente Carlos de Oliveira (fl. 1783), seguindo a primeira obra impressa tal como referira Inocêncio: 1783, *História das revoluções* (...). Optámos por incluir a data da primeira composição que encontramos, de sua autoria, i.e., 1775.

²⁵ As obras registadas foram ordenadas por data de publicação e, em seguida, por ordem alfabética de título.

- *Epistula de Young ao Lord Landsdowne sobre a paz de 1712. Com hum discurso do author sobre o theatro inglez, comparado com o theatro francez.* Trad. por Vicente Carlos de Oliveira. Lisboa, Off. Francisco Borges de Sousa. 8º, p. 285-307.
- *Nova ferida no coração de Portugal, pela morte da serenissima senhora D. Marianna Victoria, infanta de Portugal. Elegia, ibid.,* na mesma Offic. 4º de 9 p.
- *Portugal vem agradecer aos portuguezes as demonstrações de sentimento na morte do sr. D. José, principe do Brazil. Canção funebre, ibid.,* na mesma Offic. 4º de 11 p.
- *Sacrificio campestre na morte do ser.^{mo} sr. D. José, principe do Brazil.* Écloga, Lisboa, na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 4º de 15 p.

1790 - *A Bella Peruviana. Nova Tragédia com Machina.* Mss 46. N.º 7 Caixa 46. Cop. em verso, 1 vol. In 4.º

- *Elogio para o dia natalicio da sereníssima sr^a D. Maria Francisca Benedita, princesa do Brasil.* Lisboa.

1791 - *Adão remido por Jesus-Christo: poema evangelico.* Lisboa, na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 8º de iv-235 p.

- *Noites Seletas.* Trad. Vicente Carlos de Oliveira, Lisboa, Typ. Rollandiana, 2 vols.